

SARAU RUA: apropriação da praça e o direito a cidade.

Gabriela Rizo Ferreira¹.

RESUMO: Esse trabalho é uma introdução sobre o SARAU RUA, evento mensal que acontece na Praça dos Estudantes, na cidade de Nilópolis, Baixada Fluminense. O trabalho se debruça sobre as questões que atravessam esta ocupação artística do espaço urbano público.

PALAVRAS-CHAVES: DIREITO, TERRITORIO, CIDADE, IDENTIDADE, COTIDIANO.

¹ Gabriela Rizo Ferreira. Mestrado no Programa de pós-graduação em Cultura e Territorialidade UFF.

Este artigo pretende apresentar o Sarau Rua, introduzir algumas questões que o atravessam contextualizando com os conflitos do território e por fim costurar a força política de transformação que movimentos como esse evocam na cidade. A pesquisa de campo foi construída com uma metodologia observadora participativa que se iniciou no primeiro sarau em dezembro de 2014 até março de 2016.

A existência desse trabalho surge da crença nas transformações do cotidiano, nos encontros das praças, na possibilidade de trocas e ampliação da percepção e do engajamento político através da poesia, do cinema, da música de linguagens artísticas em geral.

O Sarau pode ser entendido como um encontro festivo com fins de trocas literárias, no Brasil, sobretudo nas regiões periféricas, ele evoca uma outra forma de movimentação política e social por grupos artísticos.

I – SARAU RUA: formação.

A Baixada Fluminense tem uma cena artística independente que se artiu em uma rede solidária e colaborativa. Há diversos saraus e cineclubes espalhados pela região: Mate com Angu, Buraco do Getúlio, Sarau V, Donana, Cinema de Guerrilha da Baixada, Sarau Fulalas de Tal etc. O Sarau RUA nasce dessa cena cultural, formada por múltiplos sujeitos que se engajam com o intuito de transformação social e ressignificação do que é ser da Baixada, construindo um sentimento de pertencimento local e identitário entre os moradores.

Há um duplo movimento nessa cena cultural, ao ocupar a rua e fazer dela um espaço público de direito, a noção de pertencimento e identidade não se constitui associado a algo pré-estabelecido, cabe uma conexão com o Harvey que nos escreve ao refazer a cidade refazemos nós mesmo. É fundamental, para a compreensão do trabalho, nos atentarmos que quando tratamos aqui de identidade, território, cidade, cultura estamos nos focando nas disputas e nos usos, por vezes, estratégicos e táticos (CERTEAU, 1994) que os grupos fazem desses conceitos.

O Rua em sua primeira organização era composto por: Guarnier, Elizabeth Gomes e Victor Escobar, sua primeira edição foi em dezembro de 2014. O evento é divulgado no facebook em uma página própria, a qual os organizadores e os participantes alimentam com poesia, agradecimentos, fotografias do sarau, etc diariamente. Sendo assim, não é somente na praça que se estabelece os encontros, mas na rede virtual também, onde se fortalece laços e revela conflitos, sobretudo da dimensão de gênero.

A ocupação da praça vem com o lema escrito por Guarnier: “O amor que a rua dá, só quem vive a rua sente”. Esse lema deixa claro um posicionamento político construído a partir de redes de afetos e experiências, nesse caso o RUA pode ser percebido como uma manifestação contemporânea da política da arte de acordo com Rancière (2005), nessa linha o RUA está inserido no universo da arte pública, a arte que intervém na cidade e na vida em comum e a transforma.

“A gente foi para o Sarau V juntos e ele veio conversar comigo sobre essa parada do RUA, que ele queria fazer uma parada em Nilópolis, já tinha falado com Escobar que eu não conhecia ainda, conheci nesse V que foi lá na Rural e aí gente ficou conversando, marcamos uma reunião duas semanas depois lá em Nilópolis no amarelinho e aí foi eu, Guarnier, Victor, Matheus, Jana, o Bion não conseguiu ir, mas ele tava por dentro da parada, Ivone Landin, Camila Senna, Rebeca do sarau do escritório, Alex Texeira e mais alguém que eu não lembro, mas tipo foram essas pessoas pra lá e a gente já saiu de lá com um nome definido vamos fazer o sarau RUA. A gente comprou um megafone e foi, a gente não sabia o que ia ser o RUA, a gente não sabia de porra nenhuma. (...) Quero fazer, quero ocupar, vamos ocupar, não vamos deixar a ideia morrer. Final de ano, se a gente deixasse para janeiro talvez já não estivesse mais com aquela aquele fogo e fomos para a rua. Foi isso. Foi nessa doideira, foi um mês entre a gente ter a ideia no Sarau V, a gente ter a reunião e duas semanas fez o sarau. Trecho de uma entrevista realizada pela pesquisadora com a Elizabeth Gomes, julho, 2015.

É importante ressaltar da fala Elizabeth Gomes, conhecida como rainha do RUA, como as negociações e parcerias acontecem a partir de encontros em espaços públicos ou nos próprios movimentos, como o Sarau V na Rural e posteriormente no bar Amarelinho em Nilópolis. O fazer na rua não é um pretexto, é em si a estética que o movimento

evoca, deseja e faz parte, é a linguagem em si que eles compartilham.

Não há estrutura de bebidas e comidas, mas parcerias com o boteco da esquina e o trailer dos diversos caldinhos. O microfone é aberto em uma parte da programação e acontecem diversas intervenções. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmo e a nossas cidades é nosso direito (HARVEY, 2014). O RUA, assim como outros movimentos no espaço urbano rearticulam as possibilidades de trocas e constroem uma coexistência múltiplas em seus encontros. A utopia não é mais algo distante, ela é materialmente possível no nosso século (SANTOS, 2000). Se o mundo urbano foi imaginado e feito, ele pode ser reimaginado e refeito. (HARVEY, 2014).

II – Praça dos Estudantes

A Praça dos Estudantes se localiza na Avenida Mirandela, principal avenida da cidade de Nilópolis, é quase uma não praça. Sendo Nilópolis a menor cidade em extensão do país, com seus 19, 393 km² de área e uma população em torno de 158.425 mil habitantes (IBGE, 2014), ou seja, densamente povoado.

Nos processos de urbanização da Nova Nilópolis, slogan da prefeitura da cidade, a praça foi se transformando. O uso do espaço público, dentro de uma lógica de cidade empresarial (VAINER, 2000), está associado ao consumo e estruturado para tal. Pensando o conceito de hegemonia cultural trabalhado por Stuart Hall:

“A hegemonia cultural nunca é uma questão de vitória ou dominação pura (não é isso que o termo significa); nunca é um jogo cultural de perde-ganha; sempre tem a ver com a mudança no equilíbrio de poder nas relações da cultura; trata-se sempre de mudar as disposições e configurações do poder cultural e não se retirar dele”. (HALL, 2003).

O RUA não só questiona esse projeto hegemônico de cidade, como se apropria da praça e o faz dela um espaço de ocupação artística temporária e política. A praça dos estudantes transformou-se em praça-estacionamento e praça-central de vigilância, por iniciativa do novo projeto político de cidade. Onde havia uma floricultura, bancos e espaço livre, hoje há um estacionamento e uma central de vigilância com um outdoor

anunciando que você está na cidade mais monitorada do Brasil. A globalização e a ascensão do neoliberalismo enfatizaram, ao invés de diminuir, as desigualdades sociais (HARVEY, 2014). Em contrapartida ao projeto hegemônico, o Rua se apropria da praça e evoca sua força da invenção, um outro uso simbólico, com uma pequena infraestrutura, a praça se revela novamente um espaço de trocas afetivas, poéticas e políticas. E é nessa intervenção no cotidiano que o homem ordinário reencontra sua força de transformação do território. Certeau escreve que “o enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço anônimo de seu desenvolvimento” (1994: 63).

Para Jacques Rancière (2009), a política é essencialmente estética, isto é, está fundada sobre o mundo sensível. Portanto, um regime político só pode ser democrático se incentivar a multiplicidade de manifestações dentro da comunidade. Entendendo aqui, a rua, sobretudo a praça – como um espaço da multiplicidade perceptiva, onde não só se instaura um estar junto através de trocas artísticas e do cotidiano, mas sobretudo como cada encontro revela um campo de possibilidades de se pensar o direito à cidade e novas formas de resistência. Assim, a arte assume seu poder de panfletagem, seu poder de empoderamento de mundos possíveis. É o momento em que não só as narrativas estão sendo contadas por diversos agentes sociais, mas também exibidas e apropriadas.

Compreende-se por resistência, nesse caso, o que resiste diante do tempo/espaço e das forças hegemônicas contrárias. Os sujeitos, moradores de Nilópolis: poetas, produtores, exibidores e fomentadores da cultura local escolheram não só resistir, como reinventar – re-existir. Se a cidade não fornecia o mínimo: pela força da ausência de – houve e há mobilizações, novos agenciamentos dos espaços urbanos. A macropolítica não basta para pensarmos o que esses movimentos reivindicam na prática do cotidiano.

III – Território Baixada

Como uma coisa puxa a outra, vale esclarecer para o leitor de que território falamos, Nilópolis é uma das cidades que compõe a região da Baixada Fluminense e faz parte da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem e da mulher plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. (SANTOS, 1999) Todo território (HAESBAERT,2004), assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional poder político. Ele diz respeito, tanto ao poder no sentido mais concreto de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. No caso do SARAU RUA, podemos falar na apropriação simbólica e o espaço como praticado (CERTEAU, 1994) desenvolver

Para pensarmos o presente da região da Baixada e as performances dos corpos atuantes na atualidade, é imprescindível um diálogo com a memória, entendendo como nos atenta Ana Enne (2005) que há distintas identidades, um discurso polifônico, multivocal por excelência, que, embora empenhado em construir uma identidade positiva para o que se entende por Baixada Fluminense, é constituído de versões múltiplas, apropriações por vezes contraditórias, outras similares, ainda outras complementares, das diversas matérias primas que embasam tais discursos, entre estas as categorias de tempo, espaço, memória e identidade. (ENNE, A. 2005:2)

Nessa acepção, o território é visto sempre múltiplo, diverso e complexo, ao contrário do território funcional, proposto pela lógica capitalista hegemônica. Isso nos norteia para pensarmos a ideia da cidade como mercadoria de um lado e de outro como espaço de convivência e trocas afetivas. Se há um jogo de força político a que interessa o apagamento da memória, o esquecimento das lutas e conquistas, temos um outro que reivindica e reinventa diariamente a cidade como espaço socialmente construído, disputado e coletivo.

IV – Lutas da praça

O sarau Rua que começou como um evento literário as sextas-feiras se articula na fala da Elizabeth como um movimento apartidário que agrupa um cineclube, o Toca da Coruja, e constrói sua programação de acordo com os acontecimentos.

(...) Depois da primeira edição, a gente foi sentar de fato e falar não o que vai ser o RUA? Como ele vai funcionar? O que a gente vai pensar/passar? A gente decidiu que ia ser um movimento

político apartidário, Victor era do PSOL e ele saiu para não haver relação, a gente decidiu que não ia ser só poesia, ia ter música, depois o Victor falou com o cineclube Toca da Coruja que acontece quase sempre (...) uns dois dias depois da última edição, a gente senta os três e conversa, então o que vai ser esse mês? A gente vai com a maré. Meio não adiantar fazer uma edição que não está acompanhando o que está rolando na rua.” Trecho da entrevista realizada pela pesquisadora com a produtora do Sarau Rua Elizabeth Gomes

Em 24 de abril, o Sarau RUA organizou uma edição feminista com o tema “Sarau A Rua é delas.” A descrição do evento continha as seguintes indagações: Quais as dificuldades de ser mulher na Baixada Fluminense? Qual a representatividade da mulher nos espaços públicos? Qual a importância da problematização das questões do nosso dia-a-dia? O foco era a territorialização das questões das mulheres, articulando com sua luta por direitos iguais.

Apesar dos encontros do Sarau serem celebrados com música, poesia, filmes e trocas frutíferas, nem sempre o RUA está em uma festa alegre. Na oitava edição do sarau, em 31 de julho de 2015, com o tema “Se essa RUA fosse minha, eu mandava Colorir!”, o foco foi o debate contra a homofobia, em uma homenagem ao Adriano Cor, artista e produtor, morador de Belford Roxo e participante do Sarau com o brechó Dona Pavão. Adriano foi assassinado de forma perversa com indícios de crime de ódio homofóbico. Nessa edição, a alegria foi a manifestação da resistência e aconteceu um debate com a Coordenadoria de Políticas para a Diversidade Sexual de Mesquita e a Fundação Nilopolitana da Diversidade Sexual – DISCO.

Na edição de agosto, a programação do RUA foi voltada para a cena do RAP, os poetas convidados foram: Dudu do Morro Agudo e Lúcia de Oliveira, teve Batalha do Federa e DMT, no final pocket show do grupo S.O.S RAP e o curta-metragem do cineasta Adirley Queiróz. Durante a batalha, um dos rappers, jovem de 16 anos, em uma de suas rimas cantou: “feminista eu corto da lista”. Houve uma revolta por parte das mulheres presentes, mas o mestre de cerimônia da batalha deixou o flow¹ seguir e somente após o fim do ritual, com a escolha do vencedor, liberaram o microfone para o direito de resposta. O rapper criticado foi eleito o vencedor da batalha por um público constituído em sua maioria por jovens adolescentes do sexo masculino. Uma das

frequentadores, diretora teatral e feminista, pegou o microfone e com todo o seu direito questionou o rapper e defendeu as mulheres. A organização do Sarau não se posicionou diretamente durante o evento.

Uma edição depois, na página virtual do Rua, esse não posicionamento foi cobrado, o conflito que atravessa a questão de gênero e de classe, reverberou com mais força nas conversas virtuais.

Nesse trabalho, não será possível o aprofundamento das tensões que perpassam o RUA, como um evento que acontece em um espaço público e atrai

públicos de diversas idades, gênero e posicionamento político. Selecionei as três edições acima com o intuito de criar um ponte com leitor sobre algumas temáticas que o Rua acolhe e como isso dialoga com os acontecimentos micros e macros do território.

É fundamental percebemos que a praça é o lugar da alteridade e a dificuldade se encontra na construção das fronteiras entre a sua liberdade de expressão e o respeito a diferença. As Fronteiras não são limites: são espaço entre dois (CERTEAU, 1994). Elas operam como territórios potenciais de encontro, interfaces: elas “se entrecortam, evidenciando vários mundos e poderes” (HISSA, 2002:43) que se atravessam.

A cidade é um lugar de encontro, da diferença, da interação criativa, um lugar onde a desordem tem seus usos e visões. Entretanto, a diferença pode gerar em intolerâncias e segregações, marginalidades e exclusão, quando não confrontos (HARVEY, 2014). A liberdade de expressão e o direito a cidade pode semear também o ódio e a opressão, por isso é necessário que o espaço público não seja somente o lugar do encontro, mas também do diálogo e da escuta com os diferentes.

Para nos abirmos para a diferença, precisamos nos deixar afetar pelas forças da época. Talvez nossa tarefa mais difícil tenha se tornado acreditar neste mundo, nesta vida, ou criar no hoje um modo de existência possível para a multiplicidade dos sujeitos. (DELEUZE, 1995)

V – Movimentos de transformação

Com a desconstrução de que há uma cultura que deve ser levada para outros lugares, a dissolução da centralização do saber e a valorização de uma estética múltipla e logo, de um saber que vem tanto de quem passa a maior parte do tempo sentado no meio fio conversando, como de quem é um professor universitário, os lugares se desestabilizam e não se buscam mais legitimadores ou o outro para a própria festa. O que está joga nas praças é a vida cotidiana do homem comum que se articula, que trabalha, mora e vive perto dali. A periferia que viveu subjugada se assume periferia e descontrói para si, portanto para o outro, a precariedade que antes lhe era atribuída.

O RUA representa o protagonismo da periferia na periferia, um cotidiano do fazer político tanto nas redes sociais virtuais quanto no cotidiano das praças e da cidade, construindo novas possibilidades de cidadania. Será o caminho da libertação do próprio conceito de periferia? Se as conexões não precisam mais passar pelo centro para se efetivarem, tampouco se legitimarem, como fica a relação de poder e controle do centro em relação à periferia?

“Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, a ocupação dos de fora. é também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. Isso vale não somente para a raça, mas também para outras etnicidades marginalizadas, assim como o feminismo e as políticas sexuais no movimento de gays e lésbicas, como resultado de um novo tipo de política cultural”.

(HALL, 2003)

Agora o lema “é nós por nós mesmo” prevalece. Nilópolis que pode ser considerada uma cidade que se constitui na periferia do eixo cultural em relação a Capital, está caminhando para sua autonomia e olhando para si, para sua diversidade, seus conflitos e se alocando como companheira de outras cidades da região da Baixada, antes de se colocar como periférica em relação ao Rio de Janeiro. O Município de Nilópolis, se reconfigura como produtor e criador da sua própria cultura, como um território de fluxos, conexões e redes. Se antes e talvez até hoje, a Baixada Fluminense carregue o estigma de cidades-dormitórios, isso não representa a totalidade da região

atualmente.

Podemos observar nesses movimentos que valorizam a identidade Baixadense, como uma reviravolta no ciclo do capitalismo neoliberal. Se a estrutura dada cria projetos de cidades centralizadores e exploratórios para a maior parte da cidade, movimentos como esse percebem a cidade como uma grande comunidade que precisa se encontrar, ocupar os espaços e acreditar na força de mobilização e transformação.

A demanda por uma outra forma de se pensar política surge nas práticas do cotidiano e nas negociações do espaço micro. Para além da dicotomia entre fixidez e mobilidade, território e rede, Haesbaert nos propõe uma primeira distinção, na constituição dos “múltiplos territórios” do capitalismo, entre territórios-zona, tradicionais, e territórios-rede, envolvidos pela fluidez e a mobilidade. A praça dos Estudantes está no limiar de ambos, na fronteira entre os dois. Cá nos interessa, uma diferenciação que Henri Lefebvre (1993) faz sobre apropriação de dominação do território, assim o primeiro está relacionado ao processo simbólico, carregado das marcas do vivido, do valor de uso e o segundo ao valor de troca, funcional e concreto. Sendo a praça, o simbólico concreto de um território em constante disputa e apropriações.

Na praça temos mais que um acesso ao saber, acontece uma desmitificação dos que o detém e do que é o saber. O que está em jogo agora não é mais uma conscientização da massa sobre sua condição de explorado, como trata Jacques Rancière, antes de tudo se cria um espaço para a desconstrução de valores enraizados e possibilita novos agenciamentos e vivências estéticas e sensíveis.

A transformação não se dá somente no âmbito artístico e performático da cena, pois sabemos: “a dupla dependência da arte em relação aos mercados e aos poderes públicos, e sabemos que os artistas não são nem mais nem menos rebeldes que as demais categorias da população.” (RANCIÈRE, 2005:127). Rancière (2005:128) quando ele fala que o artista trabalha “em vista” de um fim que esse trabalho não pode realizar por si mesmo: trabalha “em vista” de um povo que “ainda falta”.

A própria ideia de um povo que ainda falta é o apelo da arte, está dentro desse

sentimento sua própria resistência; sendo a arte não uma maneira de fazer política, mas a própria política em si, nessa direção que Rancière (2005:134) escreve:

“A resistência da arte define, assim, uma ‘política’ própria que se declara mais apta que a outra para promover uma nova comunidade humana, unida não mais pelas formas abstratas da leis, mas pelos laços da experiência vivida. É portadora da promessa de um povo por vir que conhecerá uma liberdade e uma igualdade efetivas, e não mais apenas representadas. Mas essa promessa é afetada pelo paradoxo da ‘resistência’ artística’. A arte promete um povo de dois modos contraditórios: por ser arte e por não ser arte.”

O Sarau RUA se configura como um movimento que disputa as significações identitárias do Ser Baixada, contribuindo para a construção de um outro imaginário a cerca do cotidiano da cidade e antes de tudo, sobre que cidade se deseja viver. Nós fazemos nossa cidade através de nossas ações diárias e de nossos engajamentos políticos, intelectuais e econômicos. Porém, vale lembrar – a dialética que nos acompanha – a cidade nos faz sobre circunstância que não escolhemos. (HARVEY, 2014). Portanto, o direito a cidade, não é somente um direito individual, antes de tudo, ele demanda esforço coletivo e a formação de direitos políticos coletivos ao redor da solidariedades sociais (HARVEY, 2014).

Vivemos a polifonia de discursos. Se até o final do século XX, a mídia oficial detinha um poder de fala e produção de imaginário, sendo uma das responsáveis pela criação do estigma em torno da Baixada Fluminense, hoje com as redes sociais, blogs, tumblr e outras ferramentas virtuais, além da arte urbana: grafites, pichações, lambes entre outras manifestações; a construção da realidade e a compreensão da Baixada estão em disputa. Se por um lado temos uma rede organizada, articulada e que cresce no fazer cotidiano de intervenções, saraus, encontros, colóquios; não há somente este outro lado, há múltiplos campos de visibilidade a serem descobertos.

BIBLIOGRAFIA

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano - artes de fazer. Petrópolis:

Vozes, 1994.

_____. A invenção do cotidiano - morar e cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia , vol. 1, Editora 34, 1995.

_____. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 3, Editora 34, 1995.

ENNE, Ana Lúcia.” Identidades como dramas sociais: descortinando cenários da relação entre mídia, memória e representações acerca da Baixada Fluminense”. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia Maria Alves. Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. P. 93-114.

_____. “Memória e Identidade social”. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS 2005.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et al. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARVEY, David. A liberdade na Cidade in. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas no Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 2014

HISSA, Cassio; NOGUEIRA, Maria. **Cidade- corpo** rev. UFMG, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p.54-77, jan./jun. 2013

LEFEBVRE, H. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

INVENTÁRIO DOS BENS CULTURAIS DE NILÓPOLIS – Arquitetura e Paisagens Culturais/ Marcus Monteiro, Concepção e coordenação geral; Jorge Baptista de Azevedo, coordenação técnica – Nilópolis Prefeitura de Nilópolis, Secretária Municipal de Cultura, Acervo BRASIL, Projetos Culturais, RJ, 2012.

MARQUES, Alexandre dos Santos. Baixada Fluminense: Da conceituação às

problemáticas sociais contemporâneas. Revista Pilares, ano 4 número 6 Abril/2006.

RANCIÈRE, Jacques. A Partilha do Sensível. A partilha do sensível: estética e política/Jacques Ranciere: tradução de Mônica Costa Netto: São Paulo: Editora 34, 2005.
Rancière, 1996

SANTOS, M. A natureza do espaço: espaço e tempo; razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 2008. Página consultadas

SANTOS, M. Território e sociedade – Entrevista com Milton Santos. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo. 2000

SANTOS, M. O território e o dinheiro. Transcrição da Conferência de inauguração do Mestrado em Geografia da Universidade Federal Fluminense e abertura do ano letivo de 1999, proferida em 15/3, e foi revisto pelo Autor, guardando, todavia, um estilo verbal.

VAINER, Carlos B. “Pátria, empresa e mercadoria–Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano” In. Cidade do Pensamento único, 3.a Edição. Petrópolis: Vozes, 2000